



Eu, Nós, e o Anarquismo!

- POR M.ZAPATA

Eu cresci em uma família pobre, na verdade, vivíamos na miséria.

Uma família como tantas, onde uma mãe separada, cria seus filhos com base no sacrifício de seus próprios sonhos, vivendo em um terreno público com pouco mais de três metros quadrados.

Uma realidade como tantas, a qual o básico, como comida, luz, ou água, eram recursos conquistados diariamente, com suas incertezas e faltas.

Minha mãe, uma mulher, como tantas, passou as mais variadas formas de assédio e humilhações, limpando o chão e passando as roupas de famílias com maiores recursos e geralmente menor escrúpulos. Ela não pode estudar, nem ter acesso a instrução, ou meios que pudessem dar uma perspectiva de mudança em sua vida. O que ela tinha, ela nos deu, e é por isso

que escrevo estas linhas. Ela me deu princípios.

Quando tínhamos pouco, ela me ensinou a reparar.

Quando víamos alguém em situação pior do que a nossa, ela me ensinou a doar.

Quando víamos a violência de perto, ela nos ensinou a compreender todos os lados. O que me fez querer entender as origens.

E estas origens eram como as raízes da figueira que havia nos fundos de casa. Quanto mais eu me aprofundava, mais ramificada ela era.

Mas não importa o que aprendia, o que me direcionava, era o senso moral, os meus princípios, minha herança.

Eles me mostraram que não posso me dar por satisfeito com qualquer resposta que justifique ou minimize o sofrimento dos mais pobres e a exploração de um ser humano pelo outro.

Eles me guiaram a defender um mundo, onde o pão de cada dia não seja uma in-

certeza para ninguém. Onde cada pessoa possa nascer com a possibilidade de desenvolver todas as suas aptidões.

Onde terra e abrigo não sejam um bem a explorar, mas um recurso compartilhado com sabedoria.

Onde possamos finalmente viver como irmãos, sem divisas, sem fronteiras, nem diferenças de poder.

E a quem me considere um utopista, eu afirmo com orgulho, que sou um. Sou um anarquista.

E compartilho estes princípios com muitas outras pessoas, a qual chamo de companheiros.

E não romperemos com estes valores para seguir por um caminho mais fácil ou aparentemente mais viável.

Conhecemos nossas dificuldades, nossos inimigos, nossas limitações. Mas também temos nossos caminhos, nossas estratégias, e uma enorme história de conquistas.

Como assim Loja Grátis?

- POR COLETIVO ESP(A)ÇO

Imaginem uma loja onde você pode pegar qualquer produto sem precisar pagar nada. Ela existe. Apoio Mútuo é a loja grátis do Esp(a)ço. Uma loja anticapitalista. Todo nosso estoque é fruto de doações e está disponível gratuitamente para qualquer pessoa. Qualquer coisa, de graça, para qualquer pessoa. Tudo para todas as pessoas. A ideia é fomentar o apoio mútuo e a solidariedade através da redistribuição de recursos. Cada pessoa pega o que precisa e todo mundo ajuda como pode.

Nossa loja abre todas as terças das 17h30 às 20h30 e fica na Rua Castro Alves, 101, no Bom Fim em Porto Alegre.

A exemplo de outras lojas do tipo ao



redor do mundo, a Apoio Mútuo arrecada doações de produtos e materiais, então organiza e disponibiliza para o público em geral. As doações também poderão ser feitas em dinheiro, que será usado para manutenção da loja e para compra de outros artigos que também serão disponibilizados no local.

Estamos sempre aceitando doações de itens limpos e em boas condições de uso: roupas, calçados, eletrodomésticos, eletrônicos, brinquedos, acessórios, alimentos não perecíveis, artigos de higiene e limpeza, livros, utensílios domésticos, etc. Então, se tem algo em casa que acha que seria melhor aproveitado por outra pessoa? Entre em contato que damos um jeito de receber mesmo fora do horário da loja ou coletar quando possível.

Tem tempo livre e quer se voluntariar para ajudar na Apoio Mútuo? Entre em contato!

Nosso site: espaco.noblogs.org

Nossas redes sociais (twitter/x e instagram): [@_espaco_](https://twitter.com/_espaco_) (são dois underlines antes e outros dois depois).

Mastodon: [@espaco@kolektiva.social](https://mastodon.social/@espaco)

E-mail: espaco@riseup.net



O e-mail é a chave PIX, para quem desejar ajudar dessa forma



Cuidar, para transformar

- POR FAUST CONSTTÉ

Nessa grande jornada dos povos, na superação da sociedade capitalista e colonial, os laços da solidariedade e o cuidado entre nós se tornam fundamentais para o processo de transformação.

Quantas vezes nos sentimos sozinhos e isolados, desamparados e desesperados diante das inúmeras dificuldades diárias? Seja pela questão financeira, falta de acesso a direitos e condições básicas de vida digna, como alimentação, moradia, saúde e educação com qualidade, seja pela violência diária que aumenta a cada dia mais, o aumento da exploração e degradação nos nossos ambientes de trabalho, a fome, guerra e genocídio pelo mundo e o peso psicológico que afeta a todos nós diante de tudo isso.

Evidentemente que diante disso, buscamos caminhos que tragam acolhimento e formas de resolver nossos problemas de forma coletiva, sem estarmos sozinhos e desamparados, e é onde muitos acabam indo para o bar ou para igreja, que podem trazer alguma sensação de acolhimento e de sentimento coletivo para enfrentar os problemas, mesmo que de

maneira ilusória, mas sempre reproduzindo e reforçando ainda mais as estruturas desiguais e violentas do capitalismo, tanto nas relações como percepções de mundo.

Portanto, é crucial construirmos alternativas reais que garantam formas de enfrentamento das dificuldades diárias, sem reproduzir as formas de relações individualistas, egoístas, autoritárias e meritocráticas impostas pelo capitalismo. Construir alternativas baseadas no cuidado individual e coletivo, no acolhimento das pessoas, na solidariedade e no apoio mútuo entre nós, para assim, transformarmos nossas formas de se relacionar e transformar nossas próprias realidades.

É sempre muito divulgado que não temos forças, capacidades nem condições de acolher, cuidar, apoiar-se mutuamente e sermos solidários com outras pessoas, mas quantas vezes já não vimos lindos exemplos de cuidado, apoio mútuo e solidariedade, como pessoas que sem ter muito, ajuda com alimento que falta para seu vizinho, pessoas que abrigaram quem ficou sem lugar para morar, que fez vaquinha ou vendeu livros de suas estantes para ajudar o companheiro a pagar a luz cortada, a conta de água ou aluguel atrasados, que divulgou o trampo de produtores autônomos e ajudou a conseguir lugares para vender seus produtos artesanais, que cedeu o carro ou a moto ou levou para o médico quando precisava, ou ajudou com passagens para se locomover

nos momentos de necessidades, ou que também acolheu, aconselhou, deu atenção e construiu formas saudáveis de auxiliar amigos, conhecidos e companheiros quando tiveram depressão e outras aflições psicológicas e emocionais. São muitos exemplos de cuidados uns com os outros, de acolhimento, apoio mútuo e solidariedade que acontecem diariamente e que precisam ser potencializados, porque é o fator principal para a transformação das relações e da própria realidade que vivemos, pois sozinhos, isolados, individualizados, desamparados e desesperados, a gente sucumbe, não consegue caminhar e avançar, mas juntas, coletivamente, a gente avança, se fortalece e consegue enfrentar as adversidades e dificuldades que o capitalismo nos impõe.

É necessário então que paremos de tratar uns aos outros como problema, como fardo, tratar o ser humano como raiz e culpado dos problemas que são colocados. O ser humano, as pessoas, não são problemas, são a solução, para a transformação, da sociedade, da realidade, das relações e do mundo.

O capitalismo, suas formas de relações, de opressões e exploração são o problema, não o ser humano. O ser humano é a solução, para a transformação da sociedade, da realidade e do mundo. Apostemos em nós, nos nossos, apostemos na humanidade!!

Comunicação em Desalinho

- POR MÔNICA

Por uma simples troca de palavras, há quem diga que somos agressivos e que nossa linguagem é ácida; não temos linguagem culta; nossos gestos não são suaves e passamos a imagem de grosseiros! Nosso repertório não se encaixa na oratória esperada, adivinha?! Não se encaixa no discurso pacifista dito ideal de resolver conflitos. Falta de educação, falta de caráter, desrespeito, nos acusam dos mais sinistros adjetivos e não reconhecem o mais simples; somos aqueles que falam alto porque nos acostumamos a gritar para sermos ouvidos, só tem essa opção: ou gritamos e somos ásperos ou nos resignamos e calamos.

Quando você é impedido de usufruir experiências agradáveis desde sua infância, as quais outras crianças da sua idade já vivenciavam, sua tendência é a batalha diária para ser ouvido e a linguagem falada foi definida padrão para comunicação pelos senhores do destino. O respeito com o bem comum através de atitudes, a arte visual expressionista

que delimita sentimentos, a solidariedade espontânea não comunicam, segundo nossa sociedade opressora. Observe que de acordo com o senso comum, uma mãe com duas crianças para criar sozinha, e deixa seus filhos na escola às sete da manhã, depois toma duas conduções para chegar no trabalho, deve ter a mesma disposição que uma filha de militar com pensão de no mínimo três salários mínimos com oportunidade de escolher entre um intercâmbio no exterior ou estudar odontologia na melhor universidade privada de sua região. E um jovem negro da periferia que luta para sobreviver como motorista de aplicativo deve ter a mesma tranquilidade mental de um agrobioy que herdou hectares de terra e só resta cuidar da fazenda e reproduzir o legado de sua família. Essas sentenças são a mais pura realidade da injustiça que estamos vivendo.

Não adianta! A conta não fecha! Nossas vezes são máquinas de manobra do que seria ideal para uma sociedade opressora, que opera na manutenção e consagração de poder, de forma que aqueles desencaixados, discursos em desalinho com o ideal dominante, são taxados rebeldes, loucos, ou desajustados. Já que estruturalmente as narrativas foram construídas justamente para segregar desalinhos, o anarquismo é considerado utopia nos mais suaves casos, porque rompe a lógica da nar-

ração esperada por todos, e por isso a penetração em populações com menor acesso à informação e transmissão de conteúdo, é um desafio para o anarquismo. Companheiros de cotidiano com jornada dupla ou tripla de trabalho, por vezes não conseguem sequer pensar sobre os reais responsáveis pela desigualdade social em massa, quanto mais ter voz ativa de grande vulto.

Nós, anarquistas, lutamos por igualdade de existência, batalhamos pela liberdade de pensamento e consideração da nossa expressão, pela palavra ouvida e sentida. Queremos construir uma sociedade plural e só a conseguimos com a contribuição de todas as existências. A palavra de ordem é coragem; coragem de repetir a todos quando se é calado; quando seu discurso é menosprezado, quando sua fala é segregada! Aprendemos na escola a pensar criticamente, mas de que adianta a crítica pacifista? São dois vocábulos que não interagem! Que comecemos a pensar numa forma de fraturar as estruturas que nos sufocam, aquelas conversas institucionais que nos incentivam a ter diálogos de paz e amor enquanto destroem nossos sonhos através das estruturas de poder. Que tenhamos coragem de falar e repetir quantas vezes forem necessárias!



NÃO JOGUE NO CHÃO
DEIXE NA MESA DO PATRÃO
POR UMA ECOLOGIA SOCIAL